



Tendências Atuais da Filosofia*

Jean-Yves Béziau[†]

Hoje a filosofia oscila entre dois pólos opostos, de um lado um discurso sofisticado e universitário que não trata mais do que de alguns problemas bem particulares, de outro o termo serve para designar qualquer coisa: desde a filosofia da empresa aos delírios das seitas religiosas.

A filosofia universitária encontra-se ela mesma dividida em várias correntes que se pode caricaturalmente separar em duas: a filosofia analítica e a filosofia tradicional, dualismo freqüentemente apresentado de maneira geopolítica: filosofia continental versus filosofia anglo-americana.

Aliás, esta última divisão faz aparecer claramente um vazio: não haveria alhures outra filosofia? É, contudo, principalmente neste outro lugar que mergulha a filosofia não universitária, notadamente com sua tendência new-age que se embriaga de “filosofia” oriental.

0. Introdução‡

No curso do tempo a palavra “filosofia” serviu para designar coisas bem diferentes, citamos apenas dois exemplos: os estóicos dividiam a filosofia em três partes – a lógica, a moral e a física; quanto a Descartes, sua célebre árvore filosófica era constituída, além das raízes metafísicas e do tronco físico, de três ramos – a medicina, a mecânica e a moral. E não é somente o conteúdo que variou, mas também o estilo:

* Publicado em 2003, Edições Nefelibata, Desterro, Santa Catarina, Brasil.

† Jean-Yves Béziau é Doutor em Lógica Matemática (Universidade de Paris 7) e Doutor em Filosofia (USP). Foi pesquisador na França, Polônia, Califórnia e no Brasil. É atualmente Professor da Fundação Suíça de Pesquisas, no Instituto de Lógica da Universidade de Neuchâtel, na Suíça.

‡ Este texto corresponde a uma conferência que fiz no Terceiro Congresso de Bariloche de Filosofia, ocorrido em San Carlos de Bariloche, na Patagônia, de 29 a 31 de agosto de 1996.

como encontrar uma unidade entre aforismos declarativos de alguns pré-socráticos, os diálogos de Platão, as meditações de Descartes, as fábulas metafóricas de Nietzsche, o minucionismo de Quine?

Hoje a filosofia oscila entre dois pólos opostos, de um lado um discurso sofisticado e universitário que não trata mais do que de alguns problemas bem particulares, de outro o termo serve para designar qualquer coisa: desde a filosofia da empresa aos delírios das seitas religiosas.

A filosofia universitária encontra-se ela mesma dividida em muitas correntes que se pode caricaturalmente separar em duas: a filosofia analítica e a filosofia tradicional, dualismo freqüentemente apresentado de maneira geopolítica: filosofia continental versus filosofia anglo-americana. Aliás, esta última divisão faz aparecer claramente um vazio: não haveria *alhures* outra filosofia? É, contudo, principalmente neste outro lugar que mergulha a filosofia não universitária, notadamente com sua tendência *new-age* que se embriaga de “filosofia” oriental.

Essas cisões são o reflexo de uma crise? Tem-se falado tanto da “crise da filosofia” que já não se sabe o que significa esta expressão desonrada. A filosofia está morta, vai morrer ou é eterna?

O maior problema que se apresenta hoje parece ser, com efeito, um desequilíbrio entre a oferta e a procura.

Há uma procura popular muito grande. Ela se manifesta em diferentes níveis: pode-se citar a abertura de cafés filosóficos e o recrutamento de filósofos por empresas com vistas a melhorar a cultura ou a ética de seus negócios. Mas é, sobretudo, no âmbito literário que ela se manifesta, como testemunha o sucesso internacional do livro *O mundo de Sofia*. Pode-se também se espantar pela volta do interesse do grande público por romances de cunho filosófico ou religioso, por pior que seja sua qualidade (U. Eco, P. Coelho, etc.). Por que as pessoas não se contentam com a literatura água com açúcar, esportiva ou mesmo pornográfica?

É uma pena que nenhum vinho fresco seja apresentado ao homem comum e que ele seja obrigado a saciar sua sede em fontes freqüentemente impuras. Deve-se insistir sobre o insucesso absoluto da filosofia universitária para tocar o grande público. A filosofia universitária, não importa de que lado do Atlântico se encontre, permanece intragável para o homem ordinário. Ela não corresponde à espera do público, à sede filosófica do povo. E se recusa a querer nutrir os baixos instintos da massa lhe oferecendo uma filosofia simplista; o filósofo acadêmico, a menos que queira se declarar abertamente elitista (o que faz raramente, pois é comum hoje se dizer democrata) deveria pelo menos pensar numa maneira de transformar a sede filosófica vulgar em uma sede elaborada.

Mas ele está bem mais ocupado em defender sua posição acadêmica, sua carreira e em denegrir seus irmãos inimigos. A filosofia acadêmica hoje se manifesta numa ladainha de lutas internas; sem falar da batalha entre sintéticos e analíticos. A maneira segundo a qual se organizam os encontros entre os filósofos se parece bem mais aqueles que se passa no domínio religioso do que no domínio científico. Por exemplo, na matemática a cada quatro anos há um grande congresso que reúne os maiores matemáticos do mundo inteiro. Nada semelhante em filosofia; encontrar-se no seio de um clã e organizar uma reunião entre filósofos de clãs opostos poderia conduzir a conflitos tão violentos quanto os conflitos religiosos.

Tentaremos no que se segue fazer um quadro deste estado deplorável da filosofia atual agrupando as diferentes tendências em torno de três eixos. Em cada caso, analisaremos uma obra correspondente à tendência em questão.

1. A Filosofia Tradicional

1.1. Qual Tradição?

A filosofia tradicional, como seu nome indica, repousa antes de tudo sobre uma tradição. Qual é essa tradição? Hoje há um consenso que determina um punhado de autores como filósofos e um punhado de obras como obras filosóficas. Esse consenso repousa sobre bases obscuras e mal definidas e o conjunto de autores e de obras que determina é um conjunto nebuloso. Às vezes, no meio deste conjunto nebuloso, há um núcleo duro que faz a unanimidade. Por exemplo, todo mundo está de acordo em relação aos nomes de Platão, Aristóteles, Descartes, Spinoza, Leibniz, Kant, Hegel, Nietzsche. O caso de pensadores como Cícero, Montaigne, Marx ou Freud já é mais problemático.

A separação entre filosofia e literatura é particularmente difícil de fazer. A dificuldade aparece não somente no âmbito da distinção entre um filósofo e um autor de romances, de contos, de aforismos, etc., mas ainda mais crucialmente quando se procura distinguir entre obras filosóficas e não filosóficas de um mesmo autor. Em certos casos se pode facilmente fazer um corte, como no caso de Sartre, mas, em outros, isso não é tão simples. Lembramos que, nos Estados Unidos, Derrida ensina principalmente nas áreas de literatura e não nas de filosofia e os filósofos analíticos consideram que sua obra é mais literária do que filosófica.

A separação entre filosofia e ciência coloca problemas similares. Por exemplo, parece difícil distinguir de maneira não arbitrária entre a obra científica e a obra filosófica de Descartes. E por que não considerar Galileu como filósofo?

Pode-se igualmente perceber as mesmas dificuldades a propósito das relações da filosofia com a religião, a lógica, etc.

Há então critérios objetivos para distinguir o que pertence ou o que não pertence a esta tradição?

Insistimos primeiramente sobre o fato de que a tradição da filosofia tradicional é uma tradição mítica construída artificialmente e que não corresponde senão longinquamente a uma realidade histórica qualquer. Por exemplo, segundo a filosofia tradicional, a filosofia se apresenta antes de tudo sob a forma de texto, ao passo que para a tradição à qual ela se refere o texto não é forçosamente fundamental (cf. os pré-socráticos, Platão, mesmo Aristóteles, de quem não se possui nenhum texto).

Se se insiste então nesta visão “textual”, a questão da distinção se reduz em distinguir entre texto filosófico e texto não filosófico. Ora, não há nenhuma unidade de estilo no cerne mesmo dos textos filosóficos reconhecidos unanimemente pela filosofia tradicional. Donde a perplexidade e a confusão do estudante de filosofia quando se lhe pede para escrever um texto filosófico.

Na França, existe o famoso modelo da “dissertação filosófica” que é composto de uma espécie de estilo kantiano pedante, regado com um molho dialético platônico-hegeliano. Impõe-se freqüentemente uma dissertação em três partes, como se a filosofia hegeliana tivesse valor de saber absoluto...

O pior é que se encontra este estilo “filosófico” quase em toda parte, disseminado até na mídia. F. Châtelet havia redigido, nos anos setenta, um panfleto

contra esta caricatura filosófica, nos referimos então a ele sem mais demoras para não correr o risco de nos deixar levar por uma crítica mais mordaz. Contentaremos-nos simplesmente em resumir a crítica de Châtelet: a filosofia tradicional pretende exercitar fulano a desenvolver seu espírito crítico, mas o faz conforme um molde de idéias recebidas que é uma deformação da tradição a qual ela se refere. O filósofo tradicional alegre-se, por exemplo, em citar a frase de Kant segundo a qual não se pode ensinar a filosofia, mas somente a filosofar, mesmo que ele pense que se aprende a filosofar antes de tudo aprendendo a filosofia, quer dizer, passando horas e horas nas bibliotecas.

A filosofia tradicional não se limita ao continente europeu, ela se impôs também em diferentes países, por exemplo, no Brasil, como consequência da dominação da cultura francesa. Dispensaremos o leitor do resultado desta macaque de um modelo degenerado.

1.2. Da Interpretação

A filosofia tradicional consiste antes de tudo em estudar uma série de textos tidos como textos filosóficos. O tipo desses estudos varia enormemente, vai da filologia exata e escrupulosa aos delírios de interpretação. Mas trata-se sempre de um trabalho hermenêutico, de decifração, de decodificação.

A filosofia tradicional por ser produtiva tem necessidade de uma matéria para fecundar. Sem tradição, ela seria perfeitamente estéril. Heidegger é uma espécie de apogeu desta tendência, seu discurso “totalizador” engloba quase toda a tradição filosófica ortodoxa (mas sua tradição tem também sua particularidade, ela exclui, por exemplo, Spinoza e Schopenhauer).

A filosofia tradicional, para empregar uma metáfora devida a Nietzsche, é neste sentido fundamentalmente bovina: nosso filósofo passa anos a pastar nos campos da tradição, depois anos a ruminar, e enfim, na sua última fase, a fase produtiva, que o faz sair do rebanho, ele emite uma substância (um texto), resultado de sua digestão.

Conseqüentemente a filosofia tradicional se organiza em torno de conjuntos de textos que podem ser agrupados segundo, entre outros, os seguintes princípios:

- textos de um mesmo autor (e.g. Descartes);
- textos de uma “corrente” filosófica (e.g. o cartesianismo);
- textos de uma mesma época (e.g. o século XVII).

Os congressos, os cursos universitários, a carreira de um filósofo se organizam em função desses cortes filosóficos.

1.2. Badiou, o Ser e o Evento

O ser e o evento de Alain Badiou é um livro de quase 600 páginas publicado em 1988 pela Éditions Seuil de Paris. A capa da obra (como das outras da mesma coleção, isto é, “A ordem filosófica”) é uma página branca. Já foi traduzida em muitas línguas, notadamente em português.

É um livro “monstruoso” em muitos aspectos: por seu tamanho, seu estilo, seu conteúdo.

Segundo Badiou, o acontecimento filosófico do século é o método do forcing inventado por Paul J. Cohen para provar a independência da hipótese do contínuo:

“Este livro se destina... a comunicar que teve lugar, no início dos anos sessenta, uma revolução intelectual de que as matemáticas foram o vetor, mas que repercute em toda a extensão do pensamento possível, e propõe à filosofia tarefas inteiramente novas.

...esse evento Cohen, tão radicalmente deixado de fora de toda intervenção e de todo sentido que praticamente não existe versão sua mesmo puramente técnica, em língua francesa." (p. 23 – edição brasileira).

A maior parte dos leitores suscetíveis de ler esta obra nunca ouviu falar do *forcing*, nem de P. J. Cohen, nem da hipótese do contínuo. Badiou, entretanto, não tem medo de se arriscar e pretende, em sua obra, descrever todo o método do *forcing* interpretando-o, tarefa impossível quando se sabe que esse gênero de técnica é geralmente ensinado na pós-graduação de matemática. A intersecção entre a classe de pessoas suscetíveis de estar interessadas pelo livro de Badiou e a classe de pessoas conhecedoras do *forcing* é quase vazia, em particular o fato de que a cardinalidade da segunda classe é muito pequena e que os elementos que ela contém não possuem em geral nenhum conhecimento da filosofia e que seriam rapidamente desencorajadas pelo estilo desorientador de Badiou.

Citamos a título de exemplo do estilo de Badiou a seguinte passagem:

"... à sedução da proximidade poética, oporei dimensão radicalmente subtrativa do ser, excluído não só da representação, mas de toda apresentação. Direi que o ser, enquanto ser, não se deixa aproximar de maneira alguma, mas somente suturar em seu vazio à aspereza de uma consistência dedutiva sem aura." (p. 17 – edição brasileira).

O vocabulário de Badiou é extremamente rico, ele emprega termos de correntes tão diversas quanto o marxismo, o lacanismo, o logicismo, que se encontram assim mesclados para dar nascimento a um prato pesado, temperado por um molho de neologismos badiousianos que não facilita sua digestão. Esta inflação da linguagem, esta facilidade em fazer deslizar sua pena através dos meandros das mais variadas escolas de pensamento é característico do estilo da filosofia *made in France*, intimamente ligada à École Normale.

Feitas estas observações, pode-se perguntar por que o livro de Badiou conheceu um relativo sucesso sendo *a priori* uma obra sem leitor. É claro que muita gente compra livros que não lêem, e discursam sobre obras que não leram.

É preciso dizer também que, se o prato principal do livro de Badiou é Cohen e seu *forcing*, encontra-se, entretanto, acompanhado de (entre outros) Platão, Aristóteles, Heidegger, Galileu, Hegel, Mallarmé, Pascal, Marx, Hölderlin, Leibniz, Gödel, Rousseau, Lacan, Descartes. Isso para excitar a curiosidade de quem quer saber qual é a virtuosidade badiousiana que permite preparar uma refeição com uma quantidade tão variada de ingredientes.

O livro de Badiou assemelha-se um pouco com o jogo das contas de vidro de Hermann Hesse, assim como com algumas obras da filosofia de auto-ajuda, como o *Gödel, Escher, Bach* de Hofstadter.

2. A Filosofia Analítica

2.1. Qual Análise?

A filosofia analítica opõe-se à filosofia tradicional. Suas pretensões são reduzidas: ela não pretende discorrer sobre tudo, estabelecer uma grande síntese, abraçar as idéias mais diversas; ela parte de pequenos problemas que ela vira e revira em todos tudos até que eles sejam perfeitamente *analizados* resolvidos. Porque tal problema é importante, ela raramente explica, de onde seu caráter hermético tanto para o filósofo tradicional quanto para o homem comum.

Apesar disso o homem comum será mais suscetível de ser seduzido por ela do

que pela filosofia tradicional. De fato ela tem um caráter lúdico e de distração como bem o mostra, por exemplo, o paradoxo do mentiroso ou outro *puzzle* qualquer. Os e base, a *regra do jogo*, em geral são bem simples pelo fato de que o problema que se trata é tomado isoladamente. A vontade do *jogador* é aguçada pelo fato dele procurar uma solução para o problema.

Pode-se desconfiar, entretanto, que o espanto provocado pelos *puzzles* da filosofia analítica possa ter algo a ver com o espanto, origem da filosofia, evocado por Platão. Porém, o espanto analítico assemelha-se muito mais ao espanto provocado pelos trocadilhos dos sofistas, destinados a pasmarr o burguês e embasbacar colonos.

A filosofia analítica é uma corrente recente, data de um século, mas ela pretende ter predecessores. Ela procura às vezes se apresentar como a continuação da verdadeira filosofia, em relação a uma falsa filosofia. Ela aplica assim um princípio de bivalência à tradição filosófica da filosofia tradicional, dividindo o bolo em dois: toma Aristóteles e Kant, mas rejeita Platão e Hegel. Isso é um verdadeiro absurdo quando se sabe as ligações existentes entre Aristóteles e Platão ou entre Kant e Hegel. Por outro lado o filósofo analítico não reconhece seus ancestrais movimentos filosóficos, aqueles que lhe são bem próximos: a sofística e a escolástica.

O filósofo analítico não gosta muito da “filosofia da caverna”, pois para ele o que lhe diz respeito são justamente as aparências. Ele é empirista, crê nisto que se apresenta diante de seus olhos e rejeita as “entidades abstratas”, quer sejam “idéias”, ou números. Qual será então a matéria base desta filosofia sem idéia? Filosofia da superfície, ela vai se interessar pela superfície do pensamento: a linguagem.

Pauwels critica nestes termos esta tendência: “Os lógicos se colocam a questão: o que pode a filosofia na idade da ciência? Não grande coisa. Eles encontraram uma tarefinha para ela: pôr questões sobre a linguagem. Quando você fala alguma coisa, o filósofo lhe perguntará: como você fala isso? Que significa a maneira pela qual você fala isso? (...) Doravante a tarefa da filosofia é uma reflexão sobre a noção de significação; uma crítica das convenções da linguagem; uma nova análise da linguagem. A filosofia não tem nada a dizer sobre o homem e sobre o mundo. Ela se ocupará da maneira pela qual nós falamos do homem e do mundo. Nada sobre o conteúdo disso que nós dissemos.” (*O que eu creio*).

O filósofo analítico se ocupa em seu pequeno gabinete de pequenos problemas que não têm nenhuma repercussão sociopolítica. A filosofia analítica é neutra, inodora e inofensiva. Esta é a razão pela qual ela pôde florescer com tanta facilidade sobre o bosteiro das ditaduras (por exemplo, na Polônia e na Argentina).

O filósofo analítico guarda sua agressividade para aquele que quer comer na mesma gamela, em particular o filósofo que não tem a mesma concepção da filosofia que ele. Deve-se assinalar que a interessante crítica de Wittgenstein, segundo a qual os textos filosóficos tradicionais são desprovidos de sentido, foi papagaiada, mesmo caricaturada (cf. Carnap), por pessoas cujo objetivo antes de tudo se livrar com as costas da mão de tradição incômoda, muito mais do que refletir sobre o valor e a significação de tal crítica.

Podem-se distinguir quatro pensadores na origem da filosofia analítica: Frege, Russell, Wittgenstein e Carnap. Ainda que existam numerosas relações entre eles, trata-se de quatro pensadores extremamente diferentes uns dos outros. Isto explica em parte a falta de unidade de estilo ou de método da filosofia analítica.

O divertido é que a obra e o estilo de Wittgenstein se opõem em muitos pontos aos valores canônicos da filosofia analítica, mesmo que tenha sido, sem dúvida, ele

quem mais contribuiu para sua emergência. Por exemplo, o *Tractatus* assemelha-se mais a uma série de aforismos declarativos visionários (todavia classificados sob de árvore) do que a uma análise argumentativa. Por outro lado, Wittgenstein detestaria os paradoxos, que são freqüentemente o pão cotidiano do filósofo analítico. Ele se surpreenderia, por exemplo, que o paradoxo do mentiroso possa ser fonte de grande preocupação para o filósofo.

Wittgenstein está principalmente na origem do estilo breve da filosofia analítica (Carnap e Russell, pelo contrário, são autores tão prolíficos quanto Hegel). Ele notadamente organizou uma série de conferências em Cambridge, onde os palestrantes deveriam se exprimir o mais sucintamente possível. Esta tradição é dominante em filosofia analítica: os textos analíticos são pequenos artigos (“papers”) de uma dezena de páginas (a revista *Analysis*, por princípio, publica somente artigos com menos de quatro mil palavras). Isso em si mesmo não é condenável e parece mesmo refrescante em relação às obras filosóficas intermináveis. Contudo, pode-se duvidar da boa fé de um autor que pretende refazer o mundo em dez páginas. Frequentemente a filosofia analítica funciona com o auxílio idéias estilo heureka, uma idéia forma, a substância de um artigo (e dez páginas parecem muito para o desenvolvimento de uma idéia, que é muitas vezes bem diluída). Estas idéias são patenteadas por autores e não se brinca com a propriedade, o *copyright*. O texto analítico faz referência a estas como a produtos manufaturados: um [Dupont 1967] não é um vinho de alta classe, mas um texto publicado em 1967 pelo Senhor Dupont.

Existe hoje também uma corrente da filosofia analítica que se poderia qualificar de “análise de ordem superior” ou de “meta-análise”, e se parece com a filosofia tradicional, notadamente por sua regressão *ad infinitum*. Trata-se da análise e exegese de obras dos pais fundadores da filosofia analítica. Deve-se notar igualmente que hoje o filósofo analítico, mesmo se não é da ordem superior, não trabalha mais *ex nihilo* como foi o caso de seus ancestrais, mas se apóia sobre uma tradição que ele deve conhecer para não fazer papel de palhaço e poder ser admitido na congregação. Esta tradição é constituída, além de algumas obras-chave dos pais fundadores, de textos posteriores (de Quine, Kripke, etc.), que são considerados como etapas obrigatórias para uma iniciação analítica.

2.2. Filosofia e Lógica

Existe certamente um ponto comum aos quatro pais da filosofia analítica: o seu interesse pela lógica. Sabe-se que, independentemente um do outro, Frege e Russell quiseram reduzir a matemática à lógica. Hoje esta redução (o logicismo) não está mais no centro dos debates, mas a lógica põe seu nariz em quase todas as linhas das páginas analíticas.

Ela se manifesta antes de tudo enquanto linguagem, uma plêiade de termos mais ou menos técnicos são emprestados do domínio da lógica: valor de verdade, predicado, etc.

É claro que malgrado esta profusão de termos lógicos na filosofia analítica, a maior parte dos filósofos analíticos possuem hoje um conhecimento muito elementar da lógica, que se reduz, para dizer a verdade, simplesmente à lógica proposicional clássica. A capacidade de estabelecer uma tábua de verdade lhes aparece, entretanto, como garantia de uma inegável superioridade sobre o filósofo literário, lhes conferindo o estatuto de matemático e de cientista. No entanto, os cientistas e os matemáticos não os consideram como seus semelhantes.

Segundo MacLane, a debilidade das considerações de Wittgenstein sobre a

matemática deve-se ao fato de que seu conhecimento da disciplina não ultrapassa aquilo que se aprende no colégio. Não discutiremos aqui a filosofia da matemática ou da ciência que é oriunda da filosofia analítica, pois ela nos parece antecipadamente condenada pela insuficiência do saber daqueles que pretendem dissertar sobre o assunto (Badiou, que é visto como um monstro pelos filósofos analíticos, parece possuir um conhecimento da lógica e da matemática bem mais avançado do que a maioria de seus detratores). A filosofia analítica que se diz às vezes “científica” em oposição a uma metafísica religiosa, não tem de científica mais do que uma aparência caricatural. É interessante notar que ainda que o filósofo científico tome por modelo de rigor científico a matemática, esta última se aproxima mais, segundo aqueles que a praticam, da arte do que da ciência.

Examinamos antes isto que se chama “filosofia da lógica”, que é uma parte importante da filosofia analítica. Pode-se grosseiramente dividir esta corrente em duas: de um lado a “lógica filosófica”, de outro a análise crítica das noções fundamentais da lógica.

A lógica filosófica é constituída no mais das vezes por desenvolvimentos essencialmente técnicos, mas cuja (pretensa) origem ou motivação é de origem filosófica. A maior parte do tempo os textos de lógica filosófica não contém nenhuma parcela de filosofia, eles são antes qualificados de filosóficos, muitas vezes pejorativamente, pelos lógicos matemáticos que não vêem aí interesse, que eles consideram matematicamente trivial e do qual desejam se livrar afim de não desvalorizar sua disciplina, da qual procuram ainda o reconhecimento aos olhos dos matemáticos puros. Este é o caso de numerosos estudos sobre as lógicas não-clássicas, tais como as lógicas modais, as lógicas relevantes, etc.

Infelizmente, a análise crítica das noções fundamentais da lógica é feita geralmente a partir de um conhecimento obsoleto da lógica (datado de antes da segunda guerra), o que faz com que hoje ela seja tão anacrônica quanto o estudo da silogística aristotélica (ao menos o especialista desta última tem hoje consciência de que não se trata do estado mais avançado da lógica). Assim, o debate em torno de distinções tais como “sentença” e “proposição”, “extensionalidade” e “intencionalidade”, não leva em conta avanços recentes da lógica. Hoje o olhar que se pode ter sobre uma parte tão elementar da lógica, como a lógica proposicional clássica, é totalmente diferente daquele de antes da segunda guerra.

Hoje, com efeito, a lógica surge seja como um ornamento que vem decorar os textos lhe dando assim uma aparência científica, seja como um manancial de discussão interminável ao qual vai tirar água o filósofo que não tem nada a dizer, como se se tratasse de problemas cruciais do qual depende o fim do mundo. Hao Wang, lógico matemático próximo de Gödel, fazia a seguinte e sábia observação: “... o efeito da lógica matemática sobre a filosofia acadêmica parece ter sido antes de tudo a origem de uma nova desculpa para se livrar das verdadeiras e complexas questões que dizem respeito ao homem e à natureza.” (*Popular lectures on mathematical logic*).

2.3. Kripke, Naming and Necessity

Esta obra é constituída por uma série de conferências feitas por Kripke em 1970 em Princeton. Estas conferências foram publicadas pela primeira vez numa obra coletiva de pequena circulação em 1972, depois sob forma de monografia em 1980 por Basil Blackwell na Oxford. A capa da edição “brochura” de grande circulação é bicolor (marrom/branco); e um desenho geométrico (um círculo dividido em quatro partes iguais) aí aparece. Esse desenho pode nos fazer pensar em um símbolo religioso ou

matemático, ou ainda em uma torta.

Freqüentemente os textos analíticos são de tamanho pequeno e publicados sejam em jornais especializados, sejam em obras coletivas, são documentos que não circulam senão nas universidades. Em caso de grande sucesso são editados em coletâneas de grande circulação. É o caso do livro de Kripke.

Saul Kripke se distinguiu em sua juventude por uma invenção técnica que revolucionou a lógica modal: a semântica dos mundos possíveis (em referência a Leibniz), dita hoje simplesmente semântica de Kripke. Em seguida ele dedicou-se quase essencialmente a questões de filosofia da lógica, ligadas mais ou menos a esta semântica.

A expressão “mundo possível” reflete um dos traços marcantes da filosofia analítica: sua conexão com a ficção científica (Kripke faz referência aos Marcianos, p. 34). Muitos dos textos de ficção científica, aliás, são pseudofilosóficos, e a filosofia analítica nutre-se disso alegremente; as histórias de ficção científica servem de “experiências de pensamento”. Kripke, no entanto, coloca-se em guarda (pp. 43-44) contra a imagem intuitiva vinculada pela expressão “mundo possível”. Ela não corresponde a isso que ele procura modelar. Ele se esforça assim para se desembaraçar de uma expressão que dá uma falsa idéia de um conceito cujo sucesso é devido principalmente a esta expressão. Tem-se aqui um fenômeno similar ao que se passa corriqueiramente no âmbito do marketing publicitário onde se vende produtos que não correspondem às suas expectativas.

A obra de Kripke trata de questões cujo interesse fica um tanto obscuro para o homem comum e para o filósofo tradicional. Kripke começa nos dizendo que as reflexões que vai desenvolver possuem repercussões bem mais vastas do que se pode imaginar *a priori*. Entretanto, depois de ler uma dúzia de páginas, o leitor ainda não verá bem quais são estas cósmicas repercussões e terá a impressão de estar de novo iludido por um argumento comercial destinado a atrair o cliente. E, mesmo se chega a terminar sua leitura, é pouco provável que terá a impressão de que modificou sua visão de mundo. Ficará talvez perplexo e não estará seguro quando lhe perguntarem se “Kripke” é um nome próprio e se “Kripke” e “O homem que desenvolveu a semântica dos mundos possíveis” fazem referência à mesma pessoa.

Parece-nos, entretanto, que os efeitos podem ser bastante perigosos para uma pessoa cujo pensamento é fracamente estruturado: ela irá talvez até duvidar que existe uma entidade denotada “Kripke” e poderá acabar num hospício.

Alguns traços típicos do estilo da filosofia analítica aparecem na obra de Kripke. Por exemplo, a divisão do trabalho filosófico: há questões que seriam epistemológicas, outras metafísicas, etc. Isto é tomado como uma evidência, sem que jamais seja justificada ou explicada esta divisão.

Enfim, se notará que a maneira de Kripke se exprimir é particularmente horrível e se opõe em tudo à beleza de uma obra literária. Ele faz uso de um pedantismo afetado que, em lugar de tornar claros os problemas, deixa o leitor na maior confusão, e, sobretudo, ele emprega sem interrupção a expressão “My view”. Parece que pretende defender suas idéias pessoais que seriam as melhores porque ele é o mais espertinho (tem-se a impressão de ter retornado 2000 anos atrás e de se estar assistindo aos jogos entre os sofistas). E é tudo salpicado de um humor de tão mau gosto que torna, definitivamente, o prato indigesto.

3. A Filosofia de Auto-Ajuda

3.1. Qual Ajuda?

Por filosofia de auto-ajuda, entendemos esta filosofia que mata a sede filosófica popular. O que engloba tanto as correntes neo-religiosas, *new age*, quanto as “ciências” humanas.

A preocupação filosófica do homem comum é antropocêntrica, para não dizer egocêntrica. A questão que o preocupa é o sentido de sua vida e não a natureza do ser. Empregando a linguagem “categórica” dos filósofos analíticos, se poderia dizer que o homem comum não dá bola para as questões metafísicas, epistemológicas, e o que o preocupa são antes de tudo questões ético-morais, mas não no sentido especulativo da filosofia universitária. O que o interessa neste ponto não é a abstrata especulação intelectual, mas métodos concretos que lhe permitam aceder ao bem estar e evitar as crises existenciais.

É assim que se pode explicar o atrativo dos filósofos orientais, que possuem uma dimensão “corporal”, ausente na filosofia acadêmica. Atualmente o intelectual é muitas vezes um magricela urbano, anêmico, tuberculoso, até mesmo aidético. Sua figura contrasta fortemente com o desabrochamento dos iogues. Esta degenerescência física, aliás, não está necessariamente ligada à tradição filosófica: os filósofos gregos aliavam exercícios físicos e intelectuais e se sabe que Aristóteles filosofava caminhando (donde a expressão peripatético), e Nietzsche, em *Ecce homo*, nos dá urna descrição de suas condições de vida, que segundo ele são a fonte de seu sucesso e a antípoda daquelas do filósofo acadêmico atual.

Entretanto, esta degenerescência parece às vezes bem ser o sintoma de urna doença incurável que mina o filósofo acadêmico, que seria sua incapacidade de fazer funcionar urna parte de seu ser (seu “cérebro direito”, seu “coração”, seus “órgãos genitais”, etc.), quando está em sua prática filosófica.

3.2. Uma Filosofia da Satisfação

Infelizmente, a impotência da filosofia acadêmica para matar a sede popular deixa um vazio que é preenchido por uma filosofia de supermercado cujo objetivo é, antes de mais nada, a satisfação imediata de seus clientes.

Heidegger criticava nestes termos esta filosofia barata: “Que há de mais fácil que se interessar, de maneira confortável e atraente, um ser humano pelos seres humanos, de lhe enumerar suas características, suas potencialidades, seus pontos de vista, suas cegueiras e seus erros, e de dizer que isso é filosofia? Nós não filosofamos para modelar para nós mesmos e para os outros uma visão salutar do mundo que poderia ser procurada como um manto e um chapéu. O objetivo da filosofia não é um sistema de informações interessantes, nem uma edificação sentimental para almas sofredoras.” (*Os fundamentos metafísicos da lógica*).

A filosofia de auto-ajuda, sob atitudes às vezes de grande escândalo, é de fato uma filosofia da complacência, destinada antes de tudo a tranqüilizar o homem comum explicando de maneira simplista o mundo no meio do qual ele se encontra mergulhado e que lhe aparece frequentemente desconcertante, mesmo caótico.

A árida descrição do universo dada pela física moderna lhe é apresentada de uma maneira fantástica, igual àquela dos contos de fadas de outrora, às vezes mesmo obscena (cf. os famosos “buracos negros”). O indivíduo que habita o 34^o andar de um prédio mergulhado no meio de uma megalópole corroída pela poluição pode assim se

entusiasmar de fazer parte de um mundo maravilhoso. Em lugar de pôr a questão do sentido do mundo, se lhe apresenta um quadro do mundo destinado a decorar seu medíocre lar, a alegrar seu árido coração.

Aliás, toda uma série de explicações “científicas”, vinculadas pelas “ciências” humanas, tendem a convencer o homem comum que seu comportamento (e aquele de seus semelhantes) é “normal”. Tudo se explica: sua inclinação pelo futebol e pelas mulheres de seios grandes, sua aversão pelo vizinho e pelos pepinos em conserva, etc. Vê-se a este nível que não há grande diferença entre, por exemplo, a sociologia e a astrologia: uns explicam seu insucesso profissional pela conjectura terrestre, outros pela conjectura celeste. Qualquer que seja a verdade, cada um está contente de encontrar uma explicação e uma justificação de sua infelicidade.

3.3. Kosko, *Fuzzy Thinking*

Fuzzy thinking (the new science of fuzzy logic), de Bart Kosko, foi publicado pela Hyperion, de New York, em 1993. É um livro de 300 páginas que se tornou um *best seller* nos Estados Unidos. A capa é bem colorida (notemos a progressão: Badiou, monocromo; Kripke, bicolor; Kosko, multicolor). O autor aí aparece em posição de Yoga rodeado por um símbolo Yin/Yang geometrizado e uma coluna de cubos de Rubik.

Bart Kosko é professor na respeitável USC (University of South California) de Los Angeles, Califórnia. É um eclético que possui diplomas em filosofia, economia, matemática e engenharia elétrica.

Malgrado esse possante “background” universitário, seu livro é escrito num estilo muito simples, próximo da linguagem da rua, e pode ser compreendido por qualquer um que tenha a idade mental de uma criança de oito anos.

Seu livro gira em torno da “lógica nebulosa”. De que se trata? Kosko nos conta a epopéia do inventor do nebuloso, o iraniano Lofti Zadeh, nascido em 1921, em Bakou, emigrado aos Estados Unidos em 1944, e que em 1959 torna-se o chefe da mais importante escola de engenharia do país (aquela da Universidade de Berkeley). Ele nos conta também como esse carismático personagem conseguiu em sua ausência se fazer convidar a sua casa e seduzir sua mulher.

O *leitmotiv* da lógica nebulosa, seguindo a explicação didática de Kosko, é que tudo não é preto e branco, mas que há também a cor cinza. Dificilmente se compreende como uma afirmação tão banal pôde ser considerada revolucionária e mesmo perigosa: porta-voz de uma horda de universitários conservadores escandalizados pela emergência do cinza, o muito honrável professor William Kahan da Universidade de Berkeley exclama: “Fuzzy logic is the cocaine of science” (o que se poderia traduzir em português, evitando empregar substâncias proibidas, por: “A lógica nebulosa reduz a ciência a pó”).

A tradição, a qual se refere Kosko, é a tradição binária que, segundo ele, vai de Aristóteles ao positivismo lógico. Ele critica nestes termos este último: “O positivismo exige a evidência factual ou matemática, da mesma maneira que um agente de segurança exige de você uma prova de identidade positiva e não somente uma afirmação lançada ao ar. O positivismo lógico sustenta que se você não pode testar ou provar matematicamente o que você diz, então o que você diz não vale nada. O positivismo funciona em favor dos cientistas e matemáticos, pois somente eles são assim obrigados a falar.” (p. 7).

A esta tradição preta e branca ocidental, Kosko opôs a cinza sabedoria oriental: “A lógica nebulosa começa ali onde acaba a lógica do Ocidente”, declara ele (p. 17).

Um dos capítulos de seu livro é intitulado *Aristóteles vs. Buda*. Segundo ele, "... o Buda não era um teórico do nebuloso no sentido matemático do termo. Ele não escreveu nenhum artigo ("papers") sobre os conjuntos ou sistemas nebulosos. Mas ele teve a idéia da sombra cinzenta." (p. 77).

Kosko conta o desenvolvimento espetacular da lógica nebulosa no Japão, e notadamente suas numerosas aplicações tecnológicas: serve tanto para construir máquinas de lavar roupas quanto preservativos. Descreve-nos também o contraste entre a acolhida suntuosa que ele recebeu quando fez conferências no Japão e aquela acolhida sinistra de seus compatriotas ("ninguém é profeta em seu país", como dizia um certo Saint-Exupéry).

O livro de Kosko apresenta os defeitos típicos dos livros de auto-ajuda: alguns temas ocultados pela filosofia acadêmica são abordados e o autor recoloca em questão dogmas, aos quais o filósofo acadêmico se agarra desesperadamente como se fossem a virgem Maria; mas o tratamento koskoiano é tão medíocre, que ele condena antecipadamente sua tentativa de sair dos caminhos já trilhados. Em particular, Kosko, ainda que cientista institucional e autor de diversos "textbooks", exprime-se de maneira muito confusa. Seu conhecimento da lógica parece extremamente nebuloso e parcial. Isso aparece claramente quando discute relações entre a lógica polivalente e a lógica nebulosa.

Uma pletora de citações debulhadas no alto de cada capítulo é significativa do estilo deste tipo de obra. Einstein, Quine e Arnold Schwarzenegger se encontram aí confundidos. E o estilo da obra é o reflexo de frases escolhidas como *slogans*: um pensamento curto e simplista que cai no vazio. Kosko toma Aristóteles considerando-o como o pai da bivalência. Ora, sabe-se que Aristóteles pôs em questão o princípio de bivalência e que é a obra de Aristóteles mesmo que motivou Lukasiewicz à criação das lógicas polivalentes. A ignorância de Kosko leva a opor Aristóteles e Lukasiewicz, já que ele considera este último como um dos fundadores do novo paradigma segundo o qual "tudo não é preto ou branco". E este gênero de besteiras lançadas por Kosko encontra-se assim propagadas em meio das massas; eis o comentário que o *New York Times* fez do livro de Kosko (reproduzido na capa): "O pensamento nebuloso é uma biografia intelectual da perda de fé do autor na lógica bivalente ou bivalorada: a tradição ocidental, codificada por Aristóteles, que sustenta que a natureza pode ser explicada em termos de ou ... ou, 1 ou 0, verdadeiro ou falso, preto ou branco."

O livro de Kosko se insere nisto que se poderia chamar a "filosofia californiana". A Califórnia, há um bom número de anos, é uma espécie de ponte entre o oriente e o ocidente. Os "filósofos orientais" estão ali fortemente implantados. E Los Angeles, por sua posição estratégica, está para se tornar o novo centro de um mundo equilibrado entre o ocidente e o oriente. A menos que a Califórnia seja novamente vítima da cólera dos Deuses, o pensamento koskoiano, seja lá o que se pense dele, poderia bem ser o embrião da filosofia de amanhã.

* * *